



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

POSICIONAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE LEITURA EM CONTEXTO ESCOLAR

Fabricia Migliorato Corsi¹

Resumo: Buscamos em nosso trabalho analisar os enunciados proferidos por estudantes de escolas públicas de Minas Gerais sobre as práticas de leitura com as quais estabelecem contato tanto em contexto escolar como para além dele. As análises realizar-se-ão por meio do que declaram em questionários e entrevista focal, de modo a refletir sobre os discursos instaurados e sobre as práticas de leitura que assumem como ideais. Buscamos através dos dados obtidos, sustentados pela linha da História Cultural, da História da Leitura e dos preceitos postulados por Michel Foucault, analisar o que enunciam os jovens leitores sobre as práticas de leitura que se dão em contexto escolar.

Palavras-chave: discursos sobre a leitura; práticas e representações; leitores jovens.

Abstract: We seek in our work to analyze the statements delivered by students from public schools in Minas Gerais on reading practices with which establish contact both in schools and beyond. The analyzes will be carried out through declaring in questionnaires and focal interview, to reflect on the speeches and brought about the reading practices which take as ideal. We seek through the data, supported by the line of Cultural History, of History of Reading and the principles postulated by Michel Foucault, analyze what enunciate young readers on reading practices that occur in schools.

Keywords: discourses on reading; practices and representations; readers young.

¹ Doutoranda em Linguística-Língua materna pela UFSCar, orientanda da Prof.^a Dr.^a Luzmara Curcino.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O discurso sobre o ensino e sobre a da prática de leitura

O trabalho com a leitura define-se pela necessidade de fazer com que os jovens leiam e se tornem leitores assíduos valorizando, acima de tudo, as boas leituras institucionalmente validadas. Esse discurso pedagógico cria a imagem de um sujeito-leitor unificado pelas suas ações e práticas de leitura e, ao perceber que tal fato é impossível de ser alcançado, *“cria-se uma insatisfação com o resultado do trabalho realizado e um desejo de descobrir fórmulas capazes de tornar os alunos leitores.”* (ABREU, 2001, p. 150)

Arelado ao discurso pedagógico, propaga-se o discurso das campanhas de incentivo à leitura que intensificam a ideia de que é necessário ler e ler mais, subentende-se então, que não se lê como se deveria ler e que na proporção que se idealiza. O discurso recorrente que de que nossos jovens não leem, ou leem muito pouco permeia assim, pela sociedade que, ao ver nas campanhas de incentivo à leitura promovidas por instituições, pelo governo e por empresas a mensagem de que é necessário incentivar, criar o hábito, estimular a leitura, associa e toma como verdadeiro esse dizer.

A escola, como instituição socialmente representativa de ensino e divulgação do saber, preocupa-se com tal fato e crê serem reais os discursos sobre a pouca prática de leitura e, conseqüentemente, como uma resposta social ao discurso, busca insistentemente soluções para sanar ou mesmo diminuir a incisão do problema, ou então, aponta outros responsáveis, como os jovens, os pais ou as novas tecnologias. Esses discursos são frequentes no espaço escolar e são reproduzidos com facilidade por aqueles que mitificam a leitura e não conseguem perceber e valorizar as práticas de leitura cotidiana.

Professores buscam com insistência promover e estimular o hábito da leitura seguindo regras e fórmulas, muitas vezes com atividades formuladas através de conhecimento empírico. Outras tantas tentativas partem também das orientações institucionais que recebem de orientadores pedagógicos.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Nas escolas, os manuais de orientação metodológica e didática² são utilizados pelos professores, esses documentos norteiam os objetivos, as estratégias, e as habilidades mínimas que devem ser desenvolvidas e trabalhadas com os alunos. Logo, espera-se que haja uma ampliação pelos educadores das habilidades e competências pré-definidas que favoreçam ao educando possibilidades de produzir e ampliar seus conhecimentos.

Ao observarmos os PCNs de Ensino Fundamental e de Ensino Médio averiguamos que em todos os documentos se estabelecem nortes ao ensino da Língua Portuguesa. Destacam a importância do trabalho com leitura, compreensão e assimilação de vários tipos e gêneros textuais para a produção e ampliação do conhecimento; sobressaltando sempre a importância do trabalho com as linguagens e sua correlação com as demais áreas de conhecimento que compõem e estruturam essa última fase da educação básica.

Assim, o documento destaca que

as linguagens são consideradas sobretudo como veículo para a construção e a leitura de campos específicos de saber relacionados às disciplinas, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias o grande objeto de estudo são as várias linguagens e os códigos por elas estruturados, nas manifestações particulares que deles se valem (textos) para estabelecer diferentes formas de comunicação. Cabe aos professores da área conduzirem o aprendizado de modo que o aluno entenda o substrato comum, amplo, que ultrapassa os conteúdos e instrumentos particulares de cada disciplina e do qual resulte uma visão abrangente e articulada das linguagens, códigos e suas tecnologias. (BRASIL, 2002, p. 26)

Um trabalho voltado para a produção do conhecimento realizado a partir de debates, leituras e inferências que o educando vai realizando ao longo das aulas. Por isso, a aula de

² As escolas estaduais de Minas Gerais utilizam os seguintes documentos para a estruturação do planejamento anual por série: o CBC de cada área, os PCNs também referentes a cada área, as Matrizes de Referência Curricular além das análises dos resultados nas provas sistêmicas.

Os PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais- foram elaborados e implantados no sistema educacional para orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Suas orientações se apoiam no desenvolvimento de competências básicas que garantam a aprendizagem do educando. Além disso, orientam os professores a desenvolver o ensino-aprendizado de forma contextualizada e interdisciplinar.

CBC- Conteúdo Básico Curricular.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

leitura deve ser uma aula interativa e diversificada. Um momento em que envolva os alunos e lhes propiciem a oportunidade de manipular e compreender o texto, trocar informações e compará-lo com outros já estudados, levantar possíveis dúvidas e para complementar as necessidades que surgirem.

As escolhas sempre ficam a cargo do professor de Língua Portuguesa que, de acordo com o conteúdo que ministra, correlaciona as obras com as quais quer trabalhar. Não há definição conjunta e interação entre os professores das escolas estaduais para organizarem um conteúdo programático de leituras mínimas que se deve realizar em cada ano letivo e em cada série. Os professores trabalham com a boa-fé de que estão realizando o melhor, estipulando assim as obras para leitura, de acordo com as experiências de trabalho com práticas de leituras pelas quais já passaram.

O posicionamento discursivo assumido pelos jovens leitores sobre a prática de leitura³

Para os jovens, a prática da leitura assume outros tantos significados, mas, sobretudo, prevalece a leitura como forma de aquisição de conhecimento. Alguns deles definiram a leitura como sendo algo alheio à sua realidade social. A leitura para esses alunos-leitores não representava correlação com a leitura que praticavam fora do ambiente escolar. Deduzimos que eles diferiam as leituras realizadas na escola, com fins didáticos, da leitura que realizavam fora da escola, esta sem cobrança de cumprimento de uma atividade. Para muitos “*A leitura da escola é muito diferente*” da que praticam, da leitura do seu universo social⁴. Representaram-na assim, possivelmente, porque não conseguiam significá-la segundo suas necessidades e interesses.

Há outras definições que demonstraram que a leitura, para alguns jovens, representava uma questão de escolha, que devesse ser praticada por gosto. Assim, a leitura foi também

³ Todos os dados coletados e utilizados nesse artigo encontram-se arquivados e à disposição para consulta no LIRE- Laboratório de estudos Interdisciplinares das Representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo- junto à UFSCar.

Todos os enunciados utilizados para exemplificação e análise neste artigo estão fielmente registrados como foram produzidos pelos entrevistados, ou seja, não sofreram qualquer tipo de correção ortográfica ou gramatical.

⁴ Questionário, Escola A, Aluno 04.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

apontada como “*um ato que para ser praticado tem que gostar muito e ter paciência.*”⁵. Para Britto (2013, p. 89), ler não é somente questão de prazer, ainda que possa assim ser. Segundo o autor esse imaginário foi construído tanto por campanhas de incentivo à leitura como por métodos de ensino dessa prática. Percebemos pelo enunciado instaurado que esse leitor não apresentava “paciência” para realizar leituras. Pelas análises de suas outras respostas, ficou evidente que não lia com frequência e não realizava outras leituras além daquelas exigidas pelos professores, pois é uma atividade que “*muitas vezes exige esforço e concentração intensos, é cansativa, é feita por obrigação*” (BRITTO, 2013, p. 89). Ainda assim, não há nada de errado nessa prática de leitura escolar, uma vez que a leitura é realizada com inúmeras finalidades: por obrigação, distração, fruição ou outros. O entrevistado afirmou ainda que, em sala de aula, lia somente os textos trazidos no livro didático. Fora da escola lia através do acesso às redes sociais. Preferia ler textos curtos com até três páginas. Afirmou também que não possuía nenhum livro impresso em sua casa.

Percebemos que a questão do incentivo às práticas de leitura está atrelada à movimentos políticos e pedagógicos sendo extensivos à movimentos sociais que são indiretamente fomentados por discursos produzidos pelos discursos: políticos e pedagógicos. Há ainda, como outrora mencionado, a questão da desigualdade gerada pela impossibilidade de acesso e/ou aquisição de material, cujo fator tem peso e determina “*o quê e o quanto um cidadão é leitor*” (BRITO, 2013; HORELLOU-LAFARGE-, CHANTAL, 2010). Essa desigualdade social incide diretamente nas possibilidades de acesso aos objetos culturais para que o leitor possa realizar a leitura.

Encontramos ecos dos discursos de promoção da leitura⁶ reproduzidos pelos jovens em enunciados, como: “*com a leitura chego a viajar no mundo onde tudo é possível para mim ler quer aprender novas coisas e formas*”; “*Um modo de conhecer mais, se interagir com o livro através da leitura. Viver uma aventura através do livro, através da leitura*”⁷. Alguns jovens definiram a leitura a partir do prisma de uma visão fantástica, prazerosa que o livro pode trazer. A imagem que era passada através dos discursos de promoção da leitura era

⁵ Questionário, Escola B, Aluno 01.

⁶ Cf. Brito (2013, p. 89); Abreu (2001).

⁷ Questionário, Escola A.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

assim reproduzida. Outros atrelaram a leitura como uma prática que transforma o leitor num ser fantástico capaz de realizar projeções, construções de cenas, entender o que lê: *“aquele que sente, imagina, chega quase a tocar a história que esta lendo, aquele que entende, projeta a imagem a sua frente, além de ler com certa frequência e dar uma certa importância e cuidado a seus livros”*⁸. A leitura como forma de aquisição de conhecimento foi citada igualmente em outras respostas. Segundo Abreu (2001), se tivéssemos conhecimento efetivo das práticas de leitura que são realizadas socialmente, se percebêssemos e validássemos essas práticas como efetivas e não as negando seria possível perceber que se lê muito mais do que se imagina, nos mais variados lugares e nas mais diferentes situações.

Segundo Brito (2013, p. 88), não podemos pensar a leitura *“sem pensar os objetos sobre os quais ela incide”*, uma vez que existe uma multiplicidade de materiais impressos e digitais que circulam na sociedade. Então, buscamos indícios quanto à forma mais comum e geral dos meios materiais⁹ pelos quais os jovens leitores entrevistados tinham possibilidade de acesso aos textos; o meio virtual foi apontado em grande escala como sendo a forma mais comum de acesso aos textos. Em segundo lugar estão os textos impressos, em terceiro os manuscritos, e por último texto fotocopiados. O gráfico abaixo nos proporciona a dimensão que os textos virtuais ou eletrônicos alcançam, atualmente entre essa faixa etária de leitores.

⁸ Questionário, Escola C.

⁹ Para esse questionamento sobre os meios materiais pelos quais tinham acesso aos textos, os entrevistados poderiam escolher mais de uma opção, uma vez que outras alternativas complementaríamos suas possibilidades de resposta.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

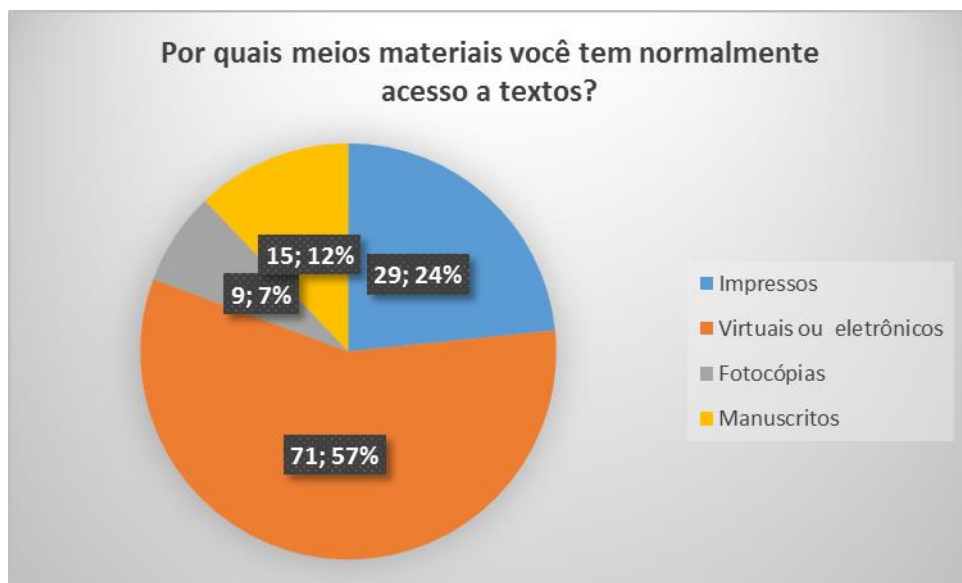


Gráfico 1

Fonte: CORSI, 2016.

Ainda sobre os meios materiais para se realizar a leitura, um dado apresentado pela escola C atraiu nossa atenção, pois, em relação às duas outras escolas, os entrevistados apontaram, com incidência de 41,7%, que tinham acesso aos textos por meios materiais impressos para a realização da leitura, enquanto que para os jovens das Escolas A e B essa acessibilidade não era tão relevante. Esse dado seguiu uma linha de preferência explicitada pelos leitores dessa escola quanto ao critério de ler sempre variados tipos de textos. Outro dado que nos chamou atenção foi que esses alunos não revelaram que não leem obras literárias em sala. Afirmaram ainda terem lido no ano anterior mais de dez livros, englobando as leituras realizadas na escola ou fora dela.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

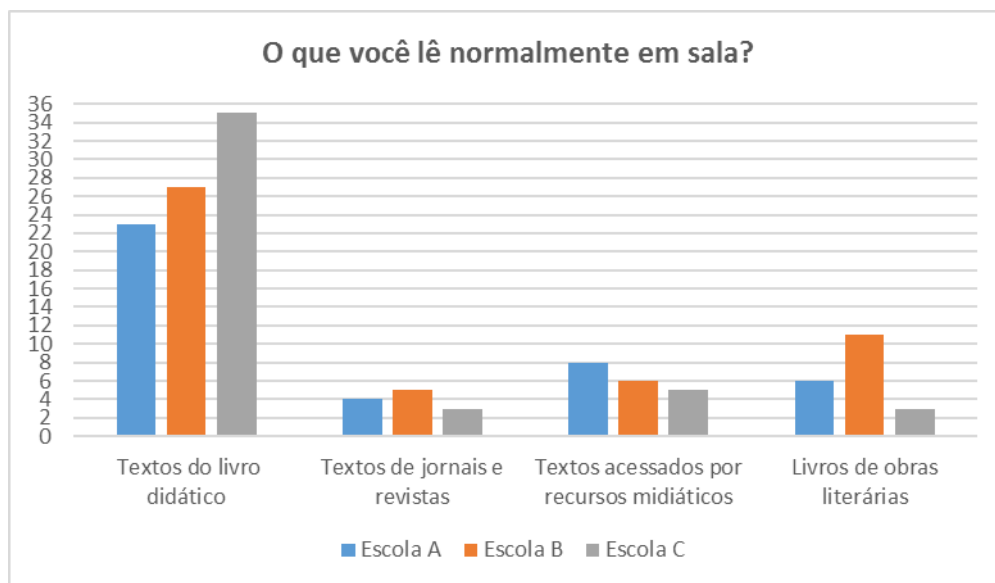


Gráfico 2

Fonte: CORSI, 2016.

Ao cruzarmos essas informações com a entrevista do grupo focal, observamos que a preferência pelos textos virtuais se evidenciou pela possibilidade de encontrar aquilo sobre o que gostavam e queriam ler: “*Texto encontrado nas redes sociais, tais como fofocas, notícias, curiosidades, conhecimento...*”¹⁰, bem como pela facilidade de acesso e pelas inúmeras possibilidades de sites e grupos de redes sociais que encontravam. Além disso, a dinamicidade¹¹ dos textos das redes sociais se enquadrava ao perfil dos adolescentes: dinâmicos e interativos.

Assim se posicionam frente às leituras realizadas por meio virtual:

ALUNO 1: Bom, é ... eu gosto de ler muito texto na internet mesmo. História, história... é... tem *tumblr* que é uma rede social que posta história por exemplo, é uma história de diálogo. Por exemplo: ele, tem a fala dele. Ela, tem a fala dela. São histórias que você vê pelo diálogo. Eu gosto muito. Gosto de ler blog que dá dicas para emagrecer,

¹⁰ Questionário, Escola A, Aluno 12.

¹¹ Pudemos observar que a dinamicidade se refere a uma forma rápida e constante de aparição de textos no meio virtual. A forma de interagir através de comentários e *post* em redes sociais.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

pra cabelo, pra aparência essas coisas, sabe? Também gosto muito de horóscopo, como eu falei. Mas a leitura eu gosto muito de livro espírita, eu me interesse demais, eu acho muito legal, é incentivo pra você pra vida mesmo, pro seu dia a dia, mais o que eu mais me interesse em livro são histórias de aventura, de ação, romance, tudo junto que te leva ter uma imaginação bem grande. O livro é isso.

(Entrevista. Escola C)

Breve conclusão

Segundo os dados coletados observamos que, para os jovens que ingressam no Ensino Médio, há dois discursos que se imbricam socialmente no que se refere ao incentivo das práticas de leitura: um discurso social e outro pedagógico. Conforme vislumbramos com Abreu (2001) e Brito (2002), cada esfera social atribui uma valoração quanto ao incentivo, a propagação e a cobrança relativas à questão do fomento às práticas de leitura.

A escola desempenha sua função de formadora de leitores sustentada nas orientações dos documentos oficiais e nos resultados de experiências didáticas bem sucedidas, contudo encontra-se presa a discursos sociais que atribuem aos jovens um papel não-leitor.

Observamos também que o trabalho com a prática de leitura é atribuído em grande peso ao professor de Língua Portuguesa e a importância dada à realização dessa prática pelos jovens leitores está atrelada a aquisição de conhecimento. Para eles há uma diferenciação entre a leitura que se realiza na escola, com fins didáticos, e a leitura que se realiza para além do universo escolar, aquela que se desvincula da prática pedagógica.

Segundo os jovens entrevistados, em contexto escolar, impera o uso do livro didático como suporte textual para realizarem leituras em sala.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A possibilidade de acesso ao material de leitura é outro fator que determina e interfere na prática e na formação leitora dos jovens. O meio virtual, para esse grupo participante da pesquisa, é a forma mais acessível de entrar e manter contato com os textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Diferenças e desigualdades: preconceitos em leitura*. In: MARINHO. M. *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: ABL/CEALE/Mercado das Letras, 2001. p. 139 -157.

BRASIL. MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2015.

BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

BRASIL. MEC. *PCN+Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2002.

BRITO, Luiz Percival Leme. *Máximas Impertinentes*. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/old/material_apoio/pdfs/LuizBritto.pdf>. Acesso: 10 mar. 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da leitura*. Trad. Mauro Gama. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

MINAS GERAIS, Secretaria do Estado da Educação. *Conteúdo Básico Comum- Língua Portuguesa- Ensino fundamental e Ensino Médio*. Minas Gerais, 2005.